

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 3 Setembro – Dezembro 2021
Edição Especial: Tecnologias Perecíveis

ARTIGO

DE ESTRUTURAS A CORPOS E SERES: OS VESTÍGIOS PERECÍVEIS DA LAPA DO CABOCLO EM DIAMANTINA, MINAS GERAIS

Andrei Isnardis*, Vanessa Linke**

RESUMO

Parte dos vestígios botânicos e a totalidade de humanos da Lapa do Caboclo de Diamantina são representados pelo o que vimos chamando de depósitos vegetais estruturados e por sepultamentos secundários, que compõem juntos o contexto do Holoceno superior na lapa. Em junho de 2020, parte significativa deste material foi atingido e seriamente impactado pelo incêndio no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Diante da perda, intentamos com este trabalho disponibilizar aquilo que não se perdeu no incêndio: dados das análises, das escavações, nossas memórias e interpretações serão sistematizadas e apresentadas¹, buscando refletir sobre as estruturas vegetais e sepultamentos a partir dos processos de construção das coisas - técnica e tecnologia - que as coloca em relação.

Palavras-chave: estruturas vegetais; sepultamentos secundários; tecnologia.

* Docente do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais; Pesquisador do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG; E-mail: isnardis@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1262-7559>

** Docente do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco; Docente do Colegiado de Pós-Graduação em Arqueologia da UNIVASF; E-mail: vanessa.linke@univasf.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1912-413X>

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v34i3.938>

¹ As pesquisas na região de Diamantina foram financiadas com recursos da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), do CNPq e, nos primeiros anos, da Missão Arqueológica Franco-Brasileira (Ministério dos Assuntos Estrangeiros da França).

FROM STRUCTURES TO BODIES AND BEINGS: THE PERISHABLE VESTIGES OF LAPA DO CABOCLO, DIAMANTINA, MINAS GERAIS

ABSTRACT

Botanical and human remains at Lapa do Caboclo de Diamantina correspond to 'botanical structured deposits' and secondary burials. Both integrate the local Upper Holocene context. In June 2020, a significant part of that collection was deeply affected by a fire in MHNJB - UFMG. Under the impact of that major loss, we intent here to share what was not lost: analytical data, excavations record, our memories and interpretations will be presented here, through the concepts of technique/technology and relationship.

keywords: archaeobotanical structure; secondary burials; technology.

DE ESTRUCTURAS A CUERPOS Y SERES: LOS VESTIGIOS PERECEDEROS DE LAPA DO CABOCLO EN DIAMANTINA, MINAS GERAIS

RESUMEN

Parte de los vestigios botánicos y la totalidad de los humanos de la "Lapa do Caboclo" de Diamantina son representados por lo que hemos llamado depósitos vegetales estructurados y sepulturas secundarias, y juntos conforman el contexto del Holoceno superior en la Lapa. En junio de 2020, una parte significativa de estos vestigios fue seriamente impactada por el incendio en el Museo de Historia Natural y Jardín Botánico de la Universidad Federal de Minas Gerais. Frente a la pérdida del material, pretendemos con este trabajo poner a disposición todo aquello que no se perdió en el incendio: datos de los análisis de las excavaciones, nuestras memorias e interpretaciones serán sistematizadas y presentadas, buscando reflexionar sobre las estructuras vegetales y sepulturas a partir de los procesos de construcción de las cosas - técnica y tecnología - que las interrelacionan.

Palabras clave: estructuras vegetales; enterramientos secundarios; tecnología.

PERECER E PERDURAR

Perecível não quer dizer perecido. Perecibilidade é uma potência, uma possibilidade, uma suposição. Uma tendência do modo de estar no mundo que atribuímos a seres e ideias.

Seja por generosidade do mundo, seja por avaliação equivocada de nossa parte sobre essa tendência, o fato é que, nas escavações do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais, foram muitas as vezes em que o perecível não pereceu e chegou até nossos olhos e mãos, surpreendendo a todes nós.

Quando começamos as escavações na região de Diamantina², nossas expectativas de perecibilidade dos seres do mundo com partes vegetais e animais lá estavam, firmes. Essa suposição de que teriam perecido talvez também fosse parte de uma estratégia emocional de manter baixas as expectativas. Começar a escavar numa região que nunca foi palco de escavações arqueológicas é uma iniciativa cheia de esperança – escavar talvez seja sempre um ato de esperança. É uma gigantesca incógnita. Mas ninguém espera sinceramente, racionalmente ao menos, que vá encontrar um sepultamento em excelente estado de conservação no primeiro metro quadrado escavado. Mas aconteceu.

Nunca duvidamos da generosidade da Serra do Espinhaço, mas ela não se cansa de superar nossas melhores expectativas. No início das escavações, em 2004, sabíamos que iríamos lidar com pacotes sedimentares arenosos, entremeados aos quartzitos. Que ali não era o Peruaçu, portanto, não deveria ter os sedimentos sempre secos e básicos, como aqueles dos abrigos dos ambientes de rocha calcária. Esperávamos que as areias fossem ácidas e que os abrigos não fossem profundos. Com isso em mente, a expectativa era de condições bem menos favoráveis à conservação de materiais orgânicos.

Para nossa surpresa, a Lapa do Caboclo de Diamantina, o primeiro sítio que escavamos e aquele que, até agora, escavamos em maior área, nos ofereceu uma quantidade e qualidade exuberantes de materiais arqueológicos orgânicos, especialmente quando consideramos quão estreito é seu pacote sedimentar. A lapa nos ofereceu, inclusive, uma flor, uma “sempre-viva”, levando seu nome ao extremo, remanescente de contextos indígenas pré-coloniais, aninhada dentro de um coquinho quebrado. Essa flor não é caso isolado, mas sim exemplar. No horizonte cronológico do Holoceno superior pré-invasão colonial, estruturas funerárias e estruturas outras, assim como frutos, sementes, raízes, couros, cascas de árvores, resinas foram evidenciadas nas escavações e seu estado de conservação era excelente.

Mas a perecibilidade dos materiais veio se mostrar a nós de outra forma. Bem mais severa e dolorosa. Um incêndio atingiu a Reserva Técnica 1 do MHNJB, em junho de 2020, reserva esta que continha, entre outras coleções, a imensa maioria dos materiais arqueológicos orgânicos do acervo do Museu. A coleção arqueobotânica e os remanescentes ósseos humanos da região de Diamantina foram severamente impactados, assim como as coleções de muitas outras regiões pesquisadas. Das cinco estruturas funerárias da lapa do Caboclo, apenas o sepultamento I, que está em exposição no Museu, não foi atingida.

É sobre o belo universo de materiais perecíveis que nos chegaram através das escavações da Lapa do Caboclo de Diamantina e suas ricas possibilidades interpretativas – que, cremos, não se esvaíram completamente com o incêndio – que queremos falar nas

² As pesquisas na região de Diamantina foram financiadas com recursos da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), do CNPq e, nos primeiros anos, da Missão Arqueológica Franco-Brasileira (Ministério dos Assuntos Estrangeiros da França).

páginas deste artigo. Nosso objetivo, portanto, é trazer dados e interpretações sobre alguns vestígios da Lapa do Caboclo de Diamantina na tentativa de recuperar e compartilhar um pouco mais das características e interpretações sobre esses vestígios, parcialmente destruídos. Nossa intenção é através deste trabalho compartilhar dados que não haviam ainda sido publicados, retomar discussões.

PENSANDO A TECNOLOGIA

As discussões sobre técnica ou tecnologia na Arqueologia não são recentes, assim como na Antropologia. Podemos apontar o trabalho de Marcel Mauss (2003 [1935]) como o marco do interesse antropológico sobre técnica e a partir do qual se desdobram discussões sobre o que consiste o processo de se fazer as coisas. Na Arqueologia, particularmente, as abordagens técnicas e tecnológicas acabaram se desenvolvendo a partir de materialidades específicas, sobretudo lítico e cerâmica. Fogueiras, sepultamentos, grafismos, trançados e têxteis pouco são abordados na literatura a partir da tecnologia. Aqui, buscamos exercitar nossos olhares e reflexões para discutir questões sobre processos técnicos ou tecnológicos nos enterramentos e estruturas vegetais da Lapa do Caboclo de Diamantina.

Mauss (2003 [1935]) define um campo da *técnica*, mas os desdobramentos disso propõem uma antropologia da *tecnologia* ou uma arqueologia da *tecnologia*. A distância entre os termos é controversa e há uma dedicação, por partes de alguns, em estabelecer as distinções entre os conceitos. Por exemplo, as pessoas que se dedicam aos modos de produção de artefatos líticos lascados entendem *tecnologia* como a categoria abrangente e *técnica* como um dos modos básicos de se agir sobre as rochas (PROUS, 2004; PROUS e FOGAÇA, 2017; PELEGRIN, 2020). Certos autores preferem *técnica* em lugar de *tecnologia*, para se afastarem das descrições objetivistas, utilitaristas e, em grande medida, etnocentradas, que estão presentes nas matrizes teóricas que acionam esta última categoria, bem como de outras bases tradicionais em que a bibliografia sobre “tecnologia” se funda.

Optaremos por não adentrar nas discussões conceituais amplas entre as divergências ou diferenças entre técnica e tecnologia (PFAFFENBERGER, 1988, 1992; INGOLD, 1997, 2000; LEMONNIER, 2000) e utilizaremos ambas, e ainda poderíamos incluir os sistemas sócio-técnicos, como potentes em dizer sobre as múltiplas dinâmicas e sentidos envolvidos no processo de se fazer as coisas. Entendemos que as questões técnicas ou tecnológicas envolvem as relações entre a materialidade, as pessoas que as manipulam e outros seres, seja de forma direta – na transformação objetiva das materialidades em coisas ou artefatos –, seja no âmbito do ontológico e cosmológico, pois, afinal, não é o termo o ponto central, mas sim quais são os elementos da compreensão das práticas técnicas/tecnológicas que consideramos relevantes.

Vamos aproveitar o convite de Pierre Lemonnier e retornar a Mauss:

Chamo técnica uma ação *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). (...) é sentido pelo autor *como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química*, e é efetuado com esse objetivo (MAUSS, 2003 [1935], p. 407).

Ser sentido como um “ato de *ordem mecânica, física ou físico-química*” serve para demarcar a conexão com aquilo que chamaríamos hoje de *materialidade*. Sautchuk (2017, p. 25) chama atenção para as consequências deste entendimento de encobrir o movimento, o processo e a dinâmica de ação e relação da técnica, o que a colocaria enquanto um fenômeno formalista e descritivo da cultura material. A própria ideia de Cadeia Operatória, proposta por Leroi-Gourhan (1984) e derivada do interesse pela

técnica de Mauss enquanto conjunto de gestos concatenados, conforme observa Coupaye (2017, p. 478), acaba nos levando à “acepção restrita às ações sobre a matéria e à sua natureza sequencial e por vezes excessivamente linear”, ignorando as agências, os duplos engajamentos entre seres e coisas, e ainda uma série de processos que não são muitas visíveis na materialidade que se estuda. Um exemplo disso é o que foi discutido por Coupaye (2017). Ao acompanhar a produção dos inhames entre os Abelam da Papua-Nova Guiné, Coupaye (2017) percebe ser necessário incluir, em suas análises de cadeia operatória, as práticas de sangramento dos pênis para a retirada do sangue feminino acumulado no pênis durante as relações sexuais, uma vez que esse sangue seria responsável por problemas morfológicos dos inhames em sua fase de desenvolvimento.

A inclusão destes elementos como etapas ou componentes integrais do processo e sua representação no interior da cadeia operatória implicam, portanto, que se leve em conta as ações que não são diretamente ligadas à matéria no sentido de Leroi-Gourhan, mas que são, todavia, concebidas como se agissem sobre as entidades, as substâncias ou os materiais, ainda que *invisíveis* (COUPAYE, 2017, p.482).

Voltando à afirmativa de Mauss (2003 [1935]), embora divergindo dele quanto ao caráter restrito da técnica aos seus aspectos materiais, estamos atentos às “tradicional” e “eficaz”. A primeira explicita a dimensão coletiva, partilhada, estabelecida pelo aprendizado e, se deslocarmos um pouco o foco para fora da perspectiva durkheimiana³, diremos que ela é fundada nas relações entre as pessoas. “Eficaz” marca as consequências efetivas, reais nas experiências das pessoas. E, veja bem, entendemos que isso inclui os efeitos que poderíamos chamar, de um ponto de vista objetivista cartesiano, de *abstractos*, como o bem estar, a alegria, o medo, a paz de espírito, de modo que os resultados das ações técnicas possam incluir a produção de um pote cerâmico, a construção de um cesto com motivos geométricos, uma flecha de caça grossa, a impermeabilidade da pele à ação dos seres sobrenaturais, a chegada dos sobrenaturais para a cerimônia na aldeia, a saída do espírito do morto do catitu abatido.

Quanto aos fazeres tradicionais eficazes conectados à materialidade (das coisas e dos corpos), algumas ponderações são merecidas.

A primeira é entender que os processos chamados tradicionais não devem ser entendidos enquanto estáticos ou inertes. Uma das consequências desse posicionamento é nos afastarmos da tradição intelectual que entende esses processos como pré-definidos na mente (que parece assim constituir-se como o *locus* próprio da pessoa, “antes” do corpo) e que, ao mesmo tempo, posiciona os outros seres do mundo (as rochas, o barro, o cariapé, o pigmento, o óleo, o sumo do jenipapo) como passivos. A ideia de se ter um modelo a ser seguido como uma pré-consubstanciação dos objetos esbarra na limitação imposta pela noção de norma, que retira o papel agentivo de seres e coisas do processo de se fazer coisas. Entendemos, pois, que a prática de produzir coisas e efeitos concretos por meio de ações corporais é um processo recíproco de interações entre pessoas e outros seres do mundo em um “duplo engajamento”, como diz Ingold (2000). E queremos adicionar ainda que muito nos interessa pensar nesses seres não somente como ativos, possuidores de agência, mas também de intencionalidade, pois nos parece muito concreta a determinação do quartzo em se comportar com violência frente a batedores muito

³ Na base dessa tradição teórica, o pensamento de Émile Durkheim tem uma forte influência. Aqui, destacamos o caráter externo aos indivíduos que o fenômeno social teria, segundo o autor, e o caráter fortemente normativo que atribui às práticas sociais.

densos e da argila em não se prestar à produção da pasta, caso não seja colhida no momento adequado dos ciclo lunar e da vida da mulher oleira.

A segunda ponderação é quanto ao papel da experiência em se fazer algo. Ingold (2000) está profundamente interessado em ressaltar a dimensão da experiência, em lugar de um aprendizado dos fazeres que venha pronto de uma coletividade maior e externa às experiências das pessoas, como a perspectiva de tradição durkheimiana, com a qual dialoga Leroi-Gourhan (1984), implica ou propõe explicitamente. É importante destacar que, na tradição que reconhecemos como marcada pelas proposições de Leroi-Gourhan (1984), tecnologia serve ao entendimento do conjunto, do sistema de conhecimentos e práticas efetivas envolvidos na produção (neste caso) material em seus resultados, e é tangida a partir do conjunto de processos e gestos encadeados, a Cadeia Operatória, cujo início é marcado pelas concepções mentais sobre o que será construído, transformado. Convergimos com Tim Ingold (2000) ao entendermos que não há aprendizado, menos ainda, construção técnica/tecnológica que preceda a experiência. Assim, é no processo de fazer que conhecimentos e coisas são formados.

Desta forma, compreendemos as estruturas funerárias e o que chamamos de depósitos vegetais da Lapa do Caboclo de Diamantina, do ponto de vista tecnológico, enquanto resultantes de, conforme dissemos alhures ao falar de grafismos rupestres:

compartilhamento de referências, que corresponderiam ao conhecimento que se fundamenta na prática, nos relatos de experiências passadas (memória), no compartilhamento das experiências entre as pessoas pintoras (memórias) e em processos de aprendizagem (LINKE *et al.*, 2020 p. 3).

Quando falamos de perecíveis, como têxteis, trançados ou estruturas como as aqui tratadas, temos, do ponto de vista arqueológico, questões relativas à preservação de objetos e contextos cujas porções materiais raramente se encontram preservadas. Talvez por este motivo figuram pouco as discussões acerca das mesmas no que diz respeito a seus aspectos tecnológicos, embora a invisibilidade na bibliografia se deva, em grande medida, à pouca dedicação de nosso olhar.

Sabemos da limitação em se lidar com recortes materiais e contextuais, questão inerente à Arqueologia Pré-Colonial, em que vestígios e contextos só nos são parcialmente acessíveis. Ao contrário de Coupaye (2017) e outros etnógrafos, não conseguimos incluir vários "invisíveis" em nossas abordagens, muito menos a totalidade de narrativas e dinâmicas possíveis de serem acessadas ou acionadas em contextos etnográficos. Mas, a despeito da nossa fragmentária realidade, entendemos que as estruturas funerárias da Lapa do Caboclo, assim como as estruturas vegetais, devem ser compreendidas para além das informações bioantropológicas e dos recursos disponíveis e aproveitados.

Assim, exercitamos neste artigo a compreensão de sepultamentos e depósitos vegetais não quanto a seus componentes, mas enquanto resultado de processos elaborados de interações entre corpos e coisas.

O SÍTIO LAPA DO CABOCLO – CONTEXTO E ARTEFATOS

A Lapa do Caboclo, localizada no município de Diamantina, Minas Gerais, compõe, juntamente com mais de cem sítios⁴, o contexto de ocupação pré-colonial da porção

⁴ As pesquisas na região se iniciaram com intervenções do PRONAPA na década de 1970, tendo sido estendidas pela equipe do Setor de Arqueologia da UFMG na mesma década e se desenvolvendo até os dias atuais. A partir da primeira década dos anos 2000 as pesquisas na região se tornam mais sistemáticas com pesquisas desenvolvidas ainda pelo Setor e pela equipe LAEP (Laboratório de Arqueologia e Estudos de

meridional da Serra do Espinhaço. Ocupação esta que remonta dos 10.560 BP⁵ até 680 BP⁶, desenvolvendo-se, portanto, desde períodos de ocupação de grupos caçadores-coletores até períodos de ocupação horticultora e ceramista, sendo claros e potentes os vestígios de horticultura, embora escassos os vestígios cerâmicos propriamente ditos (LINKE, 2018; ISNARDIS, 2013).

Relacionados aos períodos mais antigos da ocupação da Lapa do Caboclo, os conjuntos de vestígios são estritos ao material lítico e a fogueiras; já para o período horticultor, os vestígios reúnem fogueiras, material faunístico, depósitos vegetais e sepultamentos secundários.

O sítio Lapa do Caboclo implanta-se num afloramento quartzítico próximo à localidade de Batatal, no município de Diamantina, no Planalto Meridional do Espinhaço. Apresenta a maior área abrigada que conhecemos na região e esta tem conformação de anfiteatro e possui patamares sedimentares planos, conectados por rampas suaves (Figura 1).



Figura 1. A Lapa do Caboclo de Diamantina. Em (A), vê-se o afloramento que abriga o sítio. A parede vertical mais lisa, no centro de foto, corresponde ao local de implantação do abrigo. Vista interna parcial da área abrigada, tomada a partir de Sul (B) e em perspectiva inversa (C). A área mais plana em ambas as fotos corresponde à Area 1 de escavação.

Paisagem da Universidade Federal dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, com sede na cidade de Diamantina e coordenado pelo Professor Marcelo Fagundes).

⁵ Datações deste período, transição do Pleistoceno ao Holoceno e Holoceno inicial, foram obtidas na Lapa do Caboclo, na Lapa do Peixe Gordo e na Lapa da Chica Temos:

- 10.560 +/- 40 BP (Beta 199502); calibrada: 12.496 BP - na Lapa do Caboclo;
- 10.380 +/- 60 (Beta 233764); calibrada: 12.186 BP - na Lapa do Caboclo;
- 10.210 +/- 60 (Beta 233762); calibrada: 11.826 BP - na Lapa do Peixe Gordo;
- 8.760 +/- 60 (Beta 254271), não calibrada – na Lapa da Chica.

⁶ Para o Holoceno superior, temos datações de 680 +/- 50 BP (Beta 199504) e de 1.220 +/- 40 BP (Beta 199503), na Lapa do Caboclo; e de 2730 +/- 40 BP (Beta 254270), na Lapa da Chica, já recuando rumo ao Holoceno médio.

Realizamos intervenções nos pacotes sedimentares em cinco áreas dentro do espaço abrigado (conforme se pode ver na Figura 2), pretendendo compreender os pacotes sedimentares e amostrar diferentes setores do sítio, tendo em vista possíveis usos diferenciados dos espaços. Aquela que aqui chamamos de área 1 foi mais amplamente escavada, totalizando 16 m². As demais áreas foram sondadas em superfícies de um ou dois metros cada uma.

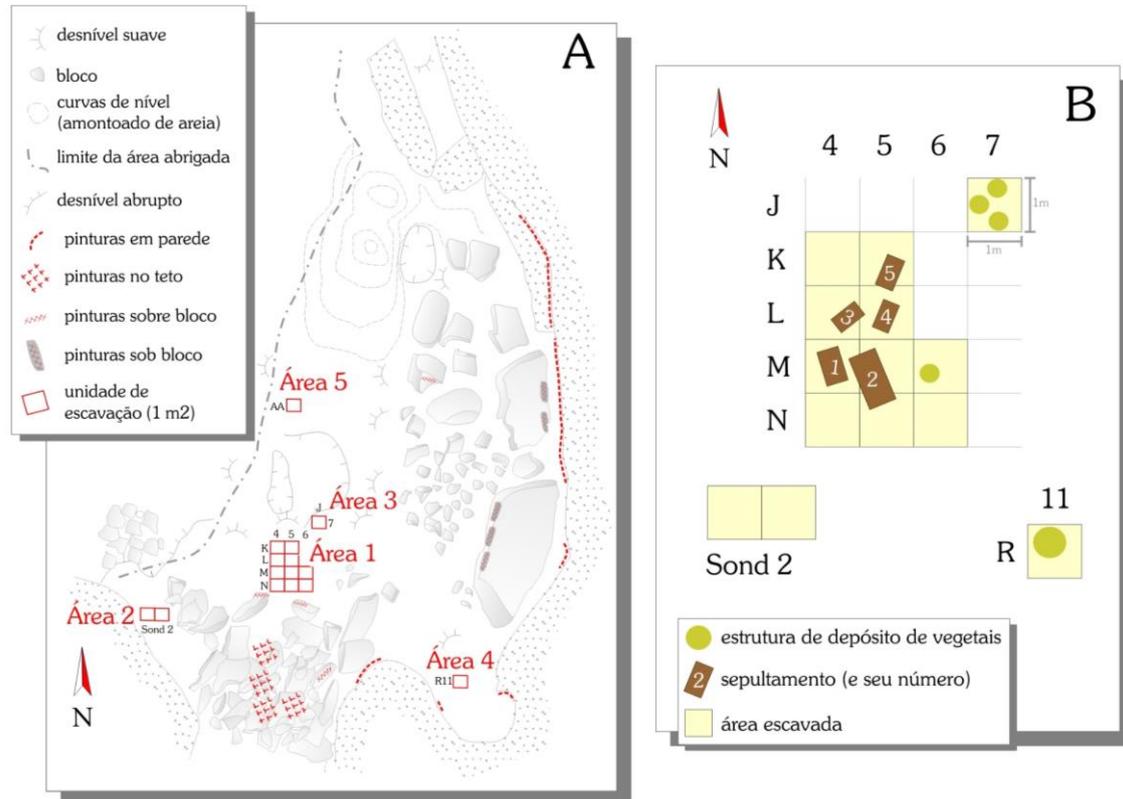


Figura 2. Croquis da Lapa do Caboclo (A), com localização dos painéis de pintura e das áreas de escavação. Em (B), representação esquemática das áreas escavadas de 1 a 4, com a indicação dos locais de ocorrência dos sepultamentos e das estruturas de vegetais.

Do ponto de vista estratigráfico, a lapa apresenta pacote sedimentar pouco profundo, apesar de abrigar uma grande profundidade cronológica. Nas áreas de 1 a 4, a profundidade máxima não excede os 30 cm. Apresentaremos de modo breve a estratigrafia comum às áreas escavadas 1, 2, 3 e 4. A área 5 apresenta pacotes distintos que ultrapassam os 50 cm de profundidade, que não serão discutidos aqui, por se encontrar numa situação topográfica bem distinta das demais e por não dispormos de datações para suas camadas, o que, por hora, não nos permite estabelecer conexões seguras com os materiais das demais áreas.

As áreas de 1 a 4 apresentam quatro camadas sedimentares, sendo três com conteúdos arqueológicos. A inferior, Camada 3, corresponde à decomposição *in situ* do quartzito, que é a base rochosa das áreas escavadas, sem conteúdo arqueológico. A Camada 2 é constituída por areia fina de cor branca amarelada, com datações calibradas na faixa de 11.500 a 12.500 anos, contendo estruturas de combustão (onde as amostras para datação foram obtidas), material lítico de expressiva quantidade e pouco numerosos restos faunísticos, todos de animais de pequeno porte. A Camada 1 é formada por um sedimento arenoso mosqueado, com intensas ações antrópicas, incluindo os sepultamentos, estruturas de deposição de vegetais enterradas, expressivo material vegetal disperso e restos faunísticos. Nela, foram obtidas as datações entre 1.300 e 650

anos antes do presente. A Camada Zero corresponde ao piso atual do abrigo e combina vestígios das ocupações atuais e sub-atuais com elementos de ocupações indígenas.

Toda a escavação do sítio foi conduzida pelos níveis naturais, que foram subdivididos internamente em níveis de 3 cm de espessura – interrompidos assim que uma mudança sedimentar tornou-se visível. Temos assim uma resolução bastante fina da distribuição vertical dos vestígios. Quaisquer feições diferenciadas no sedimento (potenciais fossas, estruturas de combustão, bioturbações) foram separadamente escavadas e seu material recebeu indexação distinta do material geral do nível e da camada.

De imediato, chama a atenção a grande descontinuidade temporal entre as datações das camadas 2 e 1. Nosso entendimento sobre essa descontinuidade, que poderia ser verificado com análises sedimentológicas, tem como hipótese explicativa a própria ação antrópica. Haveria duas possibilidades básicas de explicação no âmbito dos processos naturais de formação do pacote sedimentar: a primeira seria ter havido uma descontinuidade do processo de sedimentação, durante o Holoceno médio, que teria interrompido a deposição de sedimento durante milênios, e uma retomada desse processo a partir dos dois últimos milênios antes do presente aproximadamente; a segunda possibilidade seria ter havido uma deposição continuada no decorrer dos últimos 12 milênios. Considerando a segunda possibilidade, a ausência de datas do Holoceno médio poderia decorrer das ações humanas ali realizadas no Holoceno superior, combinadas às características físicas do sítio. A Camada 1 tem grande quantidade de material orgânico, disperso em todo o sedimento, na forma de macro-vestígios vegetais e de micro-vestígios que se misturam à matriz, dando-lhe cor acinzentada, de tons distintos. O aspecto geral da camada é mosqueado, sinalizando fortemente uma mistura heterogênea de elementos. Muitas estruturas foram enterradas pelas ocupações indígenas dessa camada, incluindo as estruturas funerárias e o que temos designado como estruturas de depósito de vegetais.

Nosso entendimento hipotético é que o piso do abrigo, quando das primeiras ocupações, deveria ser predominantemente rochoso, composto pela rocha base e por blocos de tamanhos diversos oriundos dos desplaquetamentos do afloramento rochoso. Composto de material quartzítico rico em minerais como mica e com baixo nível de cozimento, o material rochoso do abrigo apresenta-se friável quando comparado aos demais sítios da região. Assim, cremos que, ao longo do tempo, esses blocos foram se decompondo, assim como a rocha base, gerando o regolito que encontramos na Camada 3, muito arenoso e de cor clara. É nessa camada que se observam estruturas de organização mineral da rocha em decomposição. O processo de intemperização química e mecânica dos blocos desabados também é visível na Camada 2, se intensificando à medida que se aprofunda em direção à base. De fato, a pouca espessura da camada e suas características texturais e coloração nos levam a pensar que ela é composta pela sedimentação oriunda da deposição de partículas do afloramento rochoso, mas também, e, talvez, sobretudo da decomposição dos blocos caídos sobre a rocha base no processo de gênese e evolução do abrigo.

Seguindo este raciocínio, quando as pessoas responsáveis pelo vasto material encontrado na Camada 1 chegaram ao abrigo, seu piso ainda deveria ser predominantemente de blocos em desagregação, sobretudo na área que designamos como área 1 das escavações: a mais abundante e diversa em vestígios. A expressividade de materiais orgânicos na Camada 1, observável nas macroestruturas vegetais arqueológicas identificadas, bem como na coloração do sedimento e em suas partículas, combinada a sua coloração mosqueada, cujos matizes se assemelham àqueles

encontrados na Camada 2, permite-nos pensar que houve uma forte intervenção da ocupação indígena do Holoceno superior sobre o pacote sedimentar do sítio.

Num pacote tão modesto em espessura, intervenções dessa ordem tenderiam a avançar sobre o sedimento depositado ao longo do Holoceno e, revolvendo-o, teriam misturado os materiais eventualmente depositados no Holoceno médio aos materiais mais recentes. Tais intervenções, com exceção das fossas para as estruturas funerárias, não teriam, contudo, revolidado todo o pacote sedimentar, tendo restado uma parcela da Camada 2 *in situ*, que guardou os materiais do Holoceno inicial.

São sobre os vestígios orgânicos da Camada 1 que queremos falar aqui, apresentá-los e delinear enredos técnicos para suas produções. Discutiremos, assim, as estruturas funerárias – sepultamentos secundários que combinam elementos vegetais, animais, além de humanos – e as estruturas vegetais presentes nos pacotes sedimentares, compostas por sementes, flores, frutos e fibras trançadas.

AS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS

As escavações no Caboclo puseram em evidência cinco estruturas funerárias. Suas fossas eram bastante nítidas em relação ao sedimento envolvente, de modo que nos foi possível compreender com clareza sua inserção estratigráfica e seus limites. Todas foram compostas a partir da Camada 1, tendo atravessado todo o pacote arqueológico da área escavada 1. Todas as estruturas são enterramentos secundários, em que os remanescentes ósseos humanos estavam dentro de estojos de cascas de árvores.

Os sepultamentos de I a IV foram descritos do ponto de vista da Antropologia Biológica por Ana Solari (SOLARI, ISNARDIS e LINKE, 2012), que estabeleceu as estimativas de idade, a identificação do sexo biológico e pode distinguir os indivíduos. A análise de Ana Solari também identificou as patologias do adulto do Sepultamento II. Sua análise ressalta a excepcional condição de preservação, que nos deu acesso a dimensões raramente alcançadas em contextos arqueológicos.

Sepultamento I

O Sepultamento I corresponde a um cilindro de casca de árvore, que contém os ossos de uma criança de idade entre três e cinco anos (para os elementos que permitiram o estabelecimento das idades deste e dos demais sepultamentos, vide Solari, Isnardis & Linke, 2012). A extremidade sul desse cilindro estava fechada com uma trama pouco coesa de fibras estreitas. A extremidade oposta se fechava por uma peça de couro que a envolvia externamente. O conjunto de remanescentes ósseos da criança compunha seu esqueleto completo, em deposição secundária. Os ossos longos se concentravam do centro para o Norte da estrutura, enquanto os ossos de seu crânio se concentravam a Sul (Figura 3).

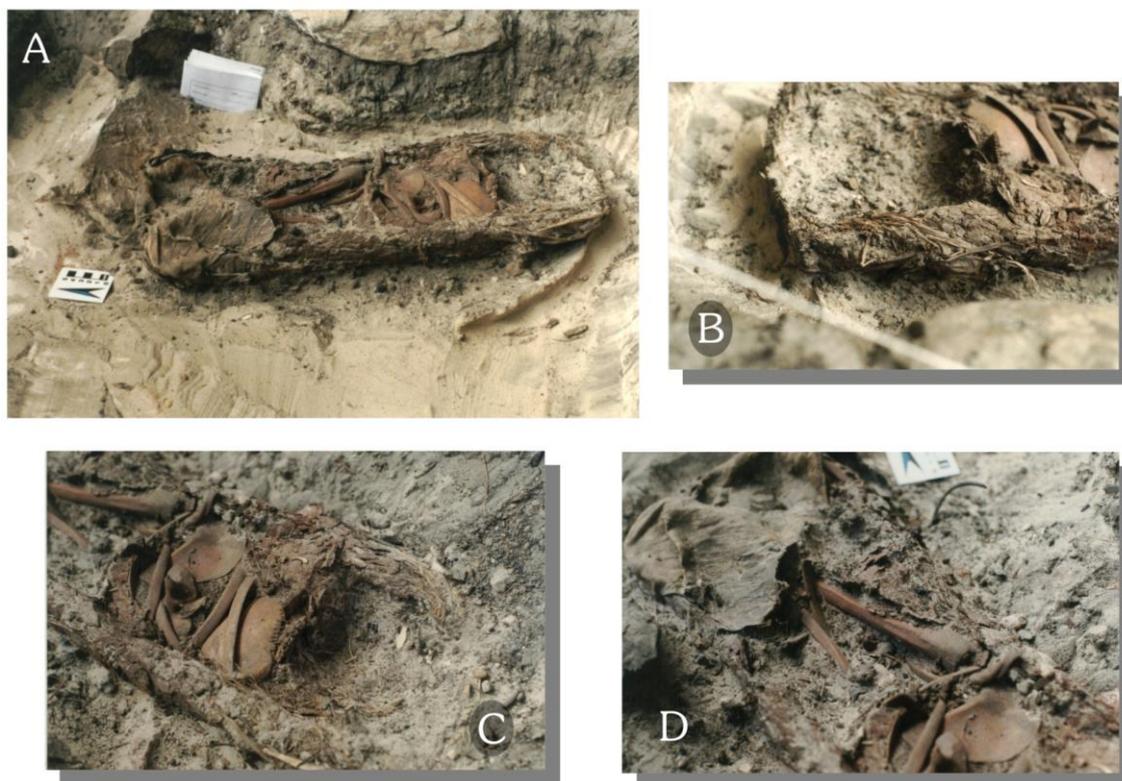


Figura 3. Sepultamento I da Lapa do Caboclo de Diamantina. Momento da escavação em que a cobertura do estojo de casca de árvore já havia sido removida (A): na extremidade norte, vê-se a peça de couro e, ao longo da estrutura diversos ossos da criança, pintados de vermelho. Em (B), podem ser vistas em detalhe, na extremidade sul do estojo funerário, casca de árvore (*Qualea sp.*), as fibras vegetais que cobriram essa extremidade, além de ossos do crânio e costelas. Vê-se em (C), a mesma extremidade sul por outro ângulo. A peça de couro e ossos longos podem ser vistos em (D).

A casca de árvore que compunha o estojo é de uma espécie do gênero *Qualea* (da família *Vochysiaceae*), uma árvore de porte modesto, que é uma das que regionalmente se chama de pau-santo, bastante frequente na região. Tratava-se de uma peça inteira da casca, com cerca de 70 cm de comprimento. Sua remoção da árvore original se fez de tal modo que a peça permaneceu inteira. Na composição do estojo funerário, se vê que a circunferência original da peça de casca era maior do que a circunferência da estrutura, de modo que as bordas longitudinais da peça de casca se sobrepunham.

A peça de couro, que fecha a extremidade meridional do estojo, corresponde a um mamífero de médio ou grande porte (em função do tamanho da peça), mas não temos uma identificação da espécie. Couro e pelos (que se preservaram bem, estando ainda flexíveis no momento da escavação) têm hoje aparência castanho-avermelhada e a face com pelos está voltada para o interior da estrutura.

Todos os ossos dessa criança estavam pintados com tinta vermelha. O pigmento se distribuía por toda a superfície dos ossos, dando-lhes aparência avermelhada homogênea, o que indica uma tinta e não pigmento seco. Em algumas vértebras, a quantidade de pigmento é especialmente intensa, permeando a estrutura do corpo da vértebra, o que sugere uma imersão desses ossos em tinta e não apenas uma aplicação superficial desta.

Localizamos penugens de ave(s) no decorrer da escavação da estrutura. Tais penugens não estavam fixadas aos ossos e podem tanto ter sido carregadas junto com o sedimento que preencheu a fossa, quanto terem feito parte da composição original do sepultamento.

Alguns ossos dispõem-se de um modo por demais embaralhado, com mútuos encavalamentos, para que tenham sido depositados um a um quando a peça de casca já estivesse depositada na fossa. Assim, cremos que o estojo foi composto fora da fossa e transportado até ela, tendo sido o transporte o responsável pelo embaralhamento e encavalamento dos ossos. A hipótese do estojo estar fechado e os ossos terem sido introduzidos por uma de suas extremidades não pode ser inteiramente descartada. Porém, cremos que seria provável que houvesse mais ossos pequenos (como falanges, por exemplo) junto aos ossos longos, caso o estojo estivesse na vertical, quando os ossos foram inseridos.

Sepultamento II

O Sepultamento II corresponde a um indivíduo de sexo biológico masculino, com idade estimada entre 45 e 60 anos (Solari; Isnardis; Linke, 2012). Sua composição segue o mesmo esquema básico do Sepultamento I: um estojo, composto por um cilindro de casca de árvore (neste caso, com 110 cm de comprimento) e todo o esqueleto em posição não anatômica, incluindo uma peça de couro (Figura 4). Contudo, há diferenças importantes.



Figura 4. Sepultamento II da Lapa do Caboclo. Na foto (A) é possível perceber o quão raso é o pacote sedimentar da área em que se compôs o estojo funerário. Uma vista superior do sepultamento em escavação (B) permite ver um momento em que já se removera toda a porção superior da casca, expondo os ossos, enquanto a imagem (C) mostra o momento em que se acabara de evidenciar a porção superior do estojo de casca de árvore, sob os blocos que o recobriam. Em (E), toda a estrutura estava evidente, com o estojo de casca ainda íntegro, enquanto em (D) se pode ver sua extremidade sul, em que os ossos, se dispunham sobre o couro (à esquerda na foto) e este, dentro da casca de árvore.

Nas epífises dos ossos longos, no crânio e nos ílios, aplicou-se uma cobertura de resina, à qual se colaram penas. As penas não se preservaram, mas sua impressão em alguns desses ossos não deixa dúvidas de sua antiga presença (vide Figura 5). Não se usou pigmentação nos ossos.

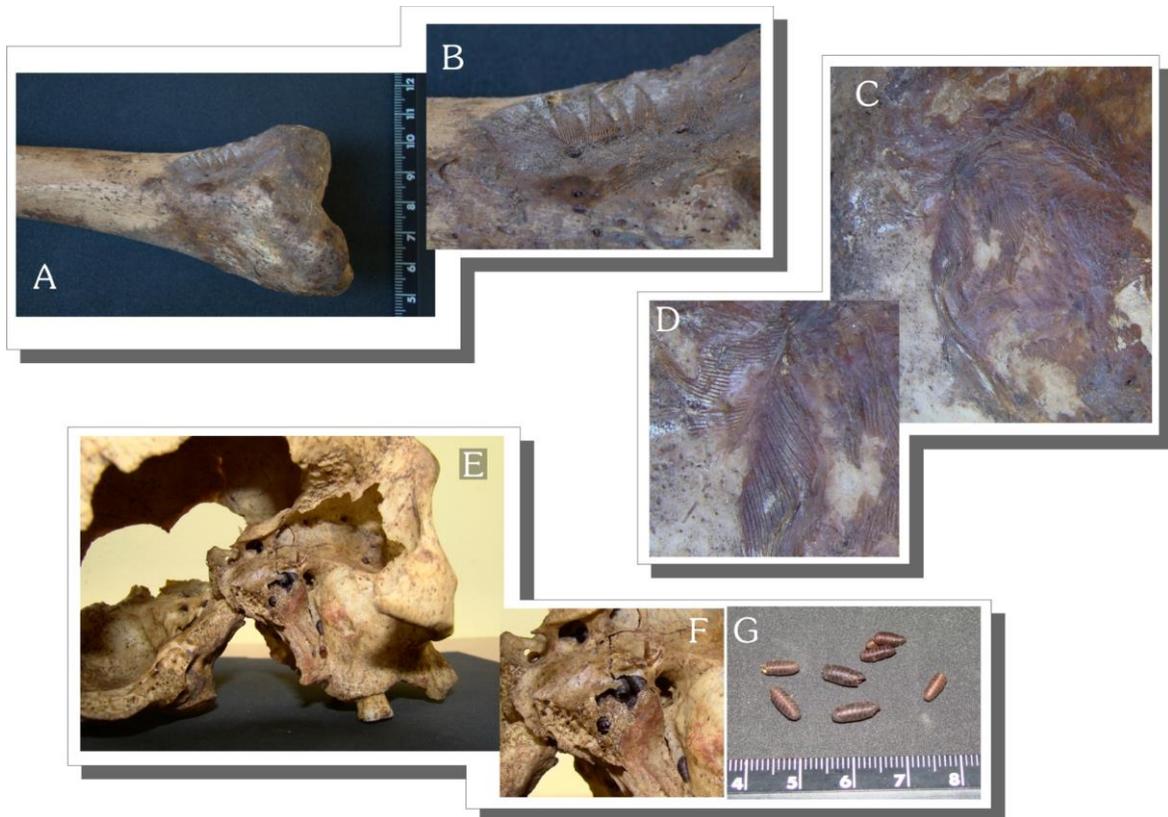


Figura 5. A cobertura de resina, presente nas epífises de todos os ossos longos, no crânio e nos ílios, pode ser vista em (A) numa das tíbias, cuja foto de detalhe (B) mostra a impressão de uma pena, que fora colada à resina. A impressão das penas também pode ser vista em (C) e (D), sobre o crânio. Nos seios da face, encontravam-se pupários de moscas (E), que podem ser vistos ainda inseridos, em detalhe (F), e após remoção (G).

O crânio foi ativamente partido em duas seções por meio de uma fratura nos parietais, ou seja, dividiu-se o crânio em uma metade superior (frontal e parte superior dos parietais) e uma metade inferior (partes inferiores dos parietais e occipital). As duas metades assim geradas foram ambas depositadas com sua face côncava voltada para baixo.

O estojo parece ter sido composto já depositado na fossa, pois não há nenhum indício de basculação no modo como os ossos estão dispostos. Os ossos longos se distribuem do centro à extremidade sul do estojo, acompanhados pelos ossos da bacia. Ao depositá-los, produziu-se cuidadosa simetria: em relação ao eixo longitudinal do estojo, temos uma tibia de cada lado, um fêmur de cada lado, um úmero de cada lado; o mesmo valendo para as fíbulas, as ulnas e os rádios. Isso pode dar a impressão de uma replicação da anatomia dos membros, como se estivessem fletidos sobre o tronco, mas as posições relativas dos ossos não são anatomicamente coerentes – as epífises proximais dos fêmures estão junto à bacia, mas as epífises das tíbias que estão junto a elas são as epífises distais; um dos úmeros tem sua epífise proximal junto à epífise proxima da ulna; o outro está na posição invertida.

Não temos uma identificação positiva da espécie de árvore usada no estojo, mas trata-se tão somente da casca. E seguramente é uma espécie diferente daquela usada no

Sepultamento I, pois as diferenças morfológicas são muito evidentes. Uma peça de couro foi também empregada numa das extremidades da estrutura, a extremidade sul. Também não temos uma identificação positiva da espécie animal, mas, distintamente do Sepultamento I, não se vê pelos na peça; não está claro se eles foram removidos ou se não se conservaram. O aspecto geral da peça de couro era de cor mais clara e visivelmente mais enrijecido do que aquela do Sepultamento I. Também se trata de um animal de médio ou grande porte, em função do tamanho da peça. Ela foi colocada internamente ao estojo; não faz as vezes de uma tampa, como no outro estojo, mas sim de um “forro” para a extremidade sul do estojo (dispondo-se entre a casca de árvore e os ossos). Durante o processo de escavação, a extremidade sul nos apareceu sem fechamento. A extremidade setentrional do estojo foi fechada por um bloco cúbico de quartzito, parcialmente inserido no estojo.

Não há sinais de cocção, tampouco de cortes ou raspagens, o que indica um processo de descarnamento passivo. A esse respeito, o Sepultamento II apresenta uma rara particularidade. Nos seios da face, foram encontrados pupários eclodidos de moscas. Isso significa que o corpo (ao menos, seguramente, a cabeça) ficou exposto ao ar durante todo o ciclo de metamorfose das moscas até a eclosão dos pupários. Isso implica um prazo mínimo em torno de três semanas (SOLARI, ISNARDIS e LINKE, 2012). Tivemos, por meio da notável preservação dos pupários, acesso à etapa primária do sepultamento, algo que não deixou outros traços. Ou seja, dado o excepcional estado de conservação, podemos dizer que o processo de sepultamento envolveu uma etapa de exposição do corpo por um tempo significativo, a posterior reunião dos ossos, seu tratamento com resina e penas e a composição e enterramento do estojo funerário (Figura 5).

Assim como no Sepultamento I, a fossa se iniciou na Camada 1, atravessou toda a espessura da Camada 2, da Camada 3 e envolveu uma escavação da matriz rochosa. Ainda assim, dada a espessura do estojo, sua superfície superior teria ficado exposta, acima dos limites do pacote sedimentar, pois o complemento de sua cobertura foi feito com blocos de quartzito (de 30 a 50 cm de comprimento e não menos de 10 cm de espessura), visíveis na superfície do sítio, mesmo após a formação da Camada Zero.

Sepultamento III

A estrutura correspondente ao Sepultamento III difere significativamente das duas primeiras. Embora o esquema básico de sepultamento secundário em estojo de casca de árvore esteja claramente presente, não se trata de um indivíduo completo. O estado de conservação não é tão bom quando o dos outros estojos, de modo que não se pode ver todo o cilindro de casca de árvore, mas várias porções desta se preservaram, suficientes para entender que estavam presentes em torno dos ossos, acima e embaixo deles. Alvo de bioturbações, a estrutura apresentava grânulos de areia comprimida muito semelhantes a túneis de insetos. Mesmo se considerando a bioturbação, o estojo era significativamente menor do que aquele do Sepultamento I e, conforme a fossa deixa evidente, não excedia 50 cm de comprimento.

O Sepultamento III corresponde a um número reduzido de ossos (inferior a vinte) de um indivíduo de idade estimada entre 3 e 5 anos. Todos os ossos se encontravam pintados, com pigmento vermelho de mesma aparência que o do Sepultamento I (Figuras 6 e 7). Nenhum outro acompanhamento foi identificado, além da casca de árvore. Nenhum dos ossos apresenta sinais de descarnamento ativo ou de cocção.



Figura 6. A tinta vermelha recobre toda a superfície e reentrâncias de corpos de vértebras infantis (A) do Sepultamento III. OS dentes (B) permitiram a identificação da presença da criança entre 9 e 12 anos de idade, do Sepultamento IV (B). O tarso (C) e o fragmento de maxilar superior (D) de um dos corpos de crianças que compunham o Sepultamento IV mostram aparência bem distinta dos demais ossos infantis do sítio. Em (E), costelas infantis intensamente pintadas de vermelho podem ser vistas, durante o processo de escavação.

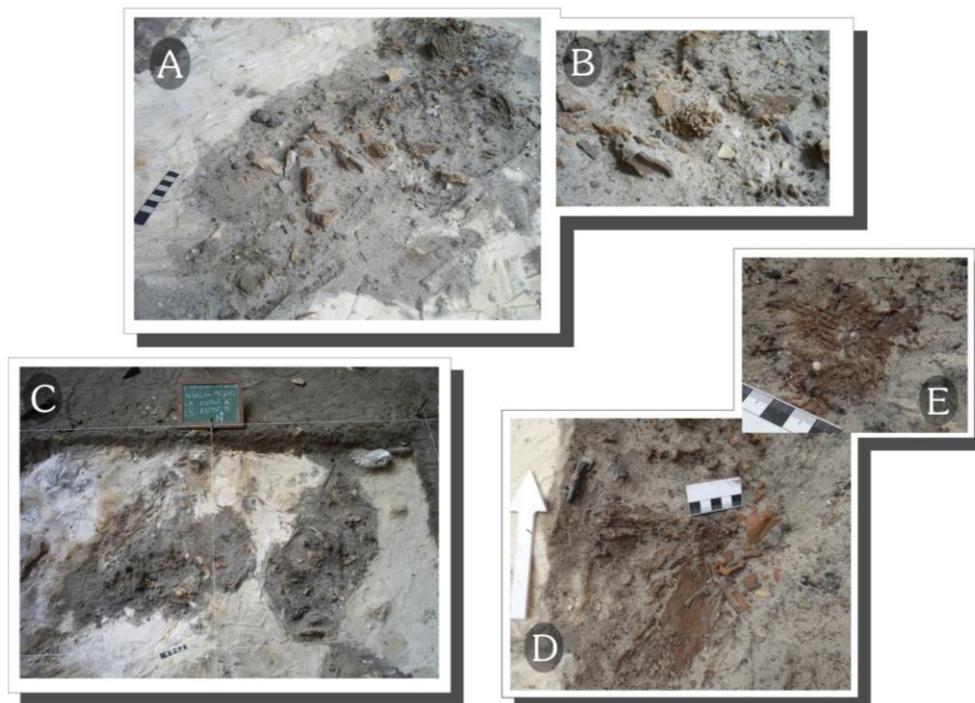


Figura 7. Nesse momento da escavação do Sepultamento IV (A), estavam evidentes algumas seções de casca de árvore (acima, à direita, na imagem (A)) e também outros corpos vegetais integrados à estrutura, como espiga de milho e casca do fruto de jatobá, na foto de detalhe (B). As fossas dos sepultamentos III e IV estão bem nítidas em (C), com seu sedimento cinzento e povoado de elementos vegetais e ossos humanos, contrastando com o sedimento da camada inferior (Camada 2), em cujo interior avançam. O fundo do estojo de casca de árvore do Sepultamento V aparece evidente em (D), trazendo junto de si o trancado, destacado na imagem (E).

Sepultamento IV

Insetos e também pequenos mamíferos provocaram perturbações no Sepultamento IV. Contudo, pode-se reconhecer o mesmo padrão geral de ossos sem articulação anatômica depositados em estojo de casca de árvore. Assim como o Sepultamento III, a quarta estrutura funerária era pequena e continha um número restrito de ossos, porém as análises de Ana Solari (SOLARIS, ISNARDIS e LINKE, 2012) identificaram um número mínimo de três indivíduos: o primeiro, de idade em torno de 18 meses, é representado na estrutura por um maxilar superior; o segundo, de idade de 2 a 4 anos, é representado por duas vértebras lombares; e o terceiro, na faixa de 9 a 12 anos de idade, por três dentes permanentes soltos. Com exceção do maxilar superior da primeira criança e de um metatarso (que não pudemos verificar com certeza se provinha do mesmo indivíduo ou não), os demais ossos estavam impregnados de pigmento, à semelhança dos ossos infantis das demais estruturas. Além dessa ausência de pigmento, há alterações tafonômicas nitidamente mais fortes nessa maxila e nesse metatarso do que nas demais peças. Esses dois atributos levantam a possibilidade desse indivíduo integrar originalmente um contexto diferente dos demais e poder ter sido incorporado secundariamente à estrutura do Sepultamento IV. Nenhum dos ossos apresentava sinais de descarnamento ativo (Figuras 6 e 7).

Embora bioturbada, havia elementos suficientes para reconhecer o esquema de estojo de casca de árvore contendo os remanescentes ósseos humanos, como nos demais sepultamentos. A estrutura também não atingiria 50 cm de comprimento.

Sepultamento V

O Sepultamento V da Lapa do Caboclo não foi objeto de análise bioantropológica. Desse modo, dispomos apenas de informações preliminares sobre os materiais ósseos e não podemos dizer se corresponderiam a esqueleto(s) de uma ou de mais de uma pessoa. A estrutura apresentava um número reduzido de ossos, todos infantis e intensamente pintados de vermelho. Nela, houve bioturbações, mas independentemente de qualquer efeito tafonômico, definitivamente não correspondia a um esqueleto inteiro. A cobertura de tinta era também intensa, como nos sepultamentos I, III e, parcialmente, IV. Porções de casca de árvore se distribuíam pelo interior da fossa, indicando o mesmo padrão geral de estojo. A casca de árvore se preservou melhor no fundo da estrutura (Figura 6 e 7).

Junto à casca no fundo da estrutura, na parede interna do estojo, havia um trançado de fibras vegetais com tramas e urdiduras de palha (possíveis prefoliações de palmeiras), conforme análise preliminar de Igor Rodrigues, a partir de exame da documentação fotográfica da escavação (Figura 7).

A construção das estruturas funerárias, portanto, envolveu três variantes de um mesmo padrão. Em todos os casos, os ossos humanos passaram por um processo de descarnamento passivo e foram depositados dentro de um cilindro de casca de árvore, incluindo outros materiais orgânicos em sua composição, assim como um modo de transformação direta dos ossos. Esta transformação correspondeu, no caso dos sepultamentos com ossos infantis (I, III, IV e V), ao menos, à pintura dos ossos; enquanto no caso do sepultamento de adulto (II), as epífises de ossos longos e alguns ossos planos foram recobertos por resina e neles foram coladas penas.

ESTRUTURAS VEGETAIS

As estruturas vegetais da Lapa do Caboclo correspondem a elementos florísticos estruturados e intencionalmente depositados em pequenas fossas escavadas e somam um total de cinco. Tais estruturas foram curadas pela arqueóloga Myrtle Shock – com

participação de Bernardo Fogli, em colaboração com as pesquisas do Setor de Arqueologia da UFMG –, que realizou uma identificação e classificação das espécies vegetais encontradas no sítio, nas escavações que ocorreram entre os anos de 2004 e 2010.

Importante ressaltar que, para além das estruturas vegetais, o sedimento do sítio, de um modo geral, possui fragmentos de vegetais presentes em toda sua superfície na Camada 0, e em toda área escavada na Camada 1. Além da clara contribuição das ocupações humanas na Lapa no Holoceno superior, o papel dos roedores, os mocós e rabudos⁷, é fundamental, pois estes levam coquinhos e brácteas para a área abrigada.

A maneira como as estruturas vegetais aparecem no sítio varia quanto a sua estruturação e quanto à quantidade e à diversidade de espécies presentes. Em comum as estruturas têm o fato de estarem localizadas próximas às áreas de sepultamento, com exceção da encontrada na quadra R11 (na extremidade sudeste da área abrigada), e apresentarem-se recobertas por cinzas e apresentarem carvões associados e marcas de queima rápida de alguns espécimes, sugerindo que as cinzas e os carvões advêm de brasas de fogueiras jogadas sobre as estruturas (Figura 8).

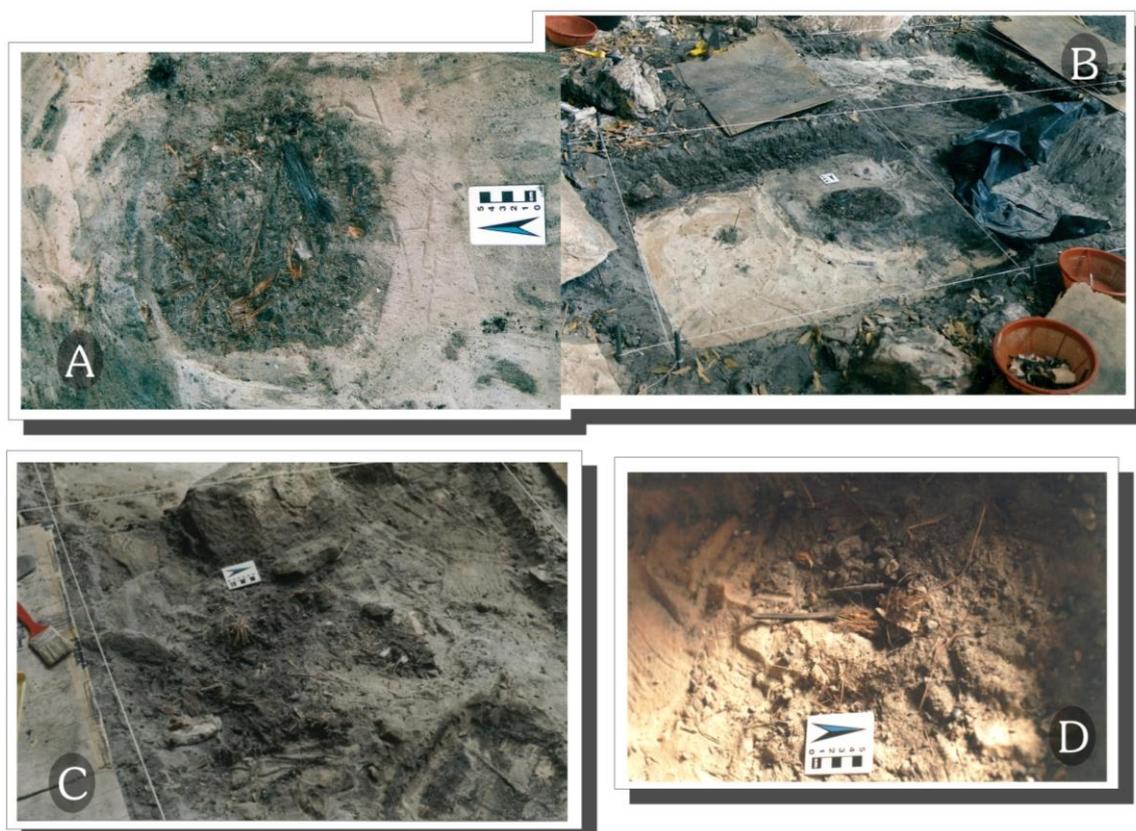


Figura 8. Na foto da estrutura de vegetais da quadra M6 (A), distinguem-se coquinhos e vários elementos vegetais fibrosos (folhas e hastes de gramíneas), além de um caule de *Velosiaceae* (canela-de-ema) carbonizado. Em (B), se distingue a fossa dessa mesma estrutura, ainda no interior da Camada 1, enquanto, na porção esquerda da foto, o sedimento branco amarelado da Camada 2 já domina a quadra. Muitas fibras vegetais se destacam na escavação da quadra N5 (C), sem estruturação reconhecível; enquanto os caules e fibras que formavam a base da estrutura vegetal da quadra R11 se destacam na imagem (D).

⁷ Respectivamente, *Kerodon rupestris* e *Thrichomys apereoides*, abundantes no sítio.

Quanto à variação na estruturação, quando comparadas as estruturas de Diamantina às encontradas na região do Vale do Rio Peruaçu, na bibliografia denominadas de “silos” (PROUS, JUNQUEIRA e MALTA, 1984; CARDOSO e RESENDE, 2009) e Monte Claros (BUENO, 2013; SHOCK, 2010), as estruturas vegetais da Lapa do Caboclo parecem carentes de elementos complexos de estruturação. Os espécimes vegetais foram depositados sobre arranjos de palhas ou emaranhados de caule do que parece ser sempre-vivas (gramíneas), que nem sempre se configuram como trançados – apenas em uma delas efetivamente pudemos perceber arranjos trançados.

No interior das estruturas, as espécies identificadas nas análises realizadas são: pertencentes à família das *Arecaceae* (palmeiras), mas sem distinção; *Hymenaea sp.* (jatobá); *Manihot sp. cf.* (mandioca); *Zea mays* (milho), e do gênero *Lagenaria* (abóboras, *Cucurbitaceae*), mas sem especificação. Muitos exemplares, contudo, não foram identificados quanto a sua taxonomia. Entre as partes dos vegetais presentes nas estruturas, encontramos cascas, frutos, brácteas, folhas, caules, sementes, espinhos e raízes.

Na quadra J7, foram evidenciadas três estruturas, uma a sul, uma a norte e outra a oeste da quadra. Embora próximas, apresentavam fossas distintas. Essas estruturas são o exemplo daquelas que poderiam ser consideradas as mais “desestruturadas” do sítio, já que contam com pouco arranjo interno e pouca diversidade e volume de exemplares. Na estrutura sul foram identificados coquinhos queimados e não queimados, brácteas de *Arecaceae*, espigas de milho com marcas de queima e bastante decompostas e casca de jatobá. Além disso, uma espécie de palha dobrada encerrava o fundo da estrutura; sua taxonomia não pôde ser definida, mas sugere-se que seja uma folha de uma Canela-de-Ema (*Velloseaceae*). A estrutura Norte também apresentava coco e folhas (palha) queimadas e não queimadas, acompanhadas por muitos fragmentos de carvão. As espécies vegetais não foram identificadas, apenas enquanto casca e capim. Nessa estrutura foram identificados pêlos e um fragmento ósseo de fauna, além de fragmentos quebradiços do que supomos se tratar de casca de ovo. A estrutura oeste se configurava como pouco rica em material, embora sua fossa estivesse claramente marcada e independente das demais. Foram identificadas casca de matéria lenhosa, brácteas de *Arecaceae* e caules do que foi classificado como capim.

Na Quadra R11, foi evidenciada uma estrutura vegetal que ocupou quase toda a quadrícula. Sua parte superior era composta de muitos carvões e sedimento com cinzas, misturado com materiais vegetais variados. Toda essa mistura de vegetais, em que se destacam coquinhos já quebrados e queimados e carvões, foi sobreposta por uma cobertura de palhas semiestruturada. O fundo da estrutura era igualmente composto por palhas entrelaçadas de forma pouco rígida ou sistemática, combinado com fragmentos de caules finos e tubulares. Nas amostras vegetais identificadas em laboratório, tem-se raiz de *Manihot sp. Cf.* fruto e bráctea de *Arecaceae*, casca do fruto de *Hymenaea sp.* As espécies vegetais responsáveis pela cobertura e fundo da estrutura (palhas e caules) não foram identificadas. A estrutura também continha fragmentos de material lenhoso não identificado, assim como um exemplar identificado como um possível amendoim (*Fabaceae*, gênero *Arachis*).

Na quadra M6, foi evidenciada uma estrutura vegetal composta majoritariamente por material fibroso, classificado em laboratório como palha. De formato ovalado, esse material ocupou toda a porção sudeste da quadrícula. O material vegetal fibroso da estrutura apresentou marcas de queimas. Além do material fibroso (palha), foram identificadas brácteas e frutos de *Aricaceae*, casca do fruto de *Hymenaea sp.* e ainda folhas, cascas e material lenhoso de espécies não identificadas. A presença de carvões e cinzas foi observada na estrutura.

Importante ressaltar que, nas quadras e nas fossas das estruturas de sepultamento, há presença de vegetais de forma significativa, incluindo espigas de milho junto aos sepultamentos III e IV e raiz de *Manihot sp.* Cf., apenas no sepultamento IV. Mais significativo é notar que, no quantitativo de exemplares botânicos, são as estruturas funerárias aquelas que mais os possuem. O porquê dessa significativa presença de material vegetal nas fossas dos sepultamentos pode ser explicado de duas maneiras: ou o material vegetal foi posto intencionalmente junto aos sepultamentos, para além dos arranjos vegetais que compunham claramente o estojo funerário; ou esse material já fazia parte do pacote sedimentar escavado para os enterramentos humanos. Não podemos afirmar uma alternativa ou outra, nem excluir qualquer uma delas.

OS CORPOS E OS MATERIAIS

Temos uma construção efetiva das estruturas funerárias, um processo técnico de construção, no qual se envolveram o revestimento de um corpo vegetal (a casca de árvore) e, em alguns casos, outras peles, como os couros que se pode encontrar nos sepultamentos com corpos humanos completos. Após o processo de descarnamento passivo, os remanescentes dos corpos foram transformados, intensamente pintados de vermelho ou recobertos de resina e penas. Constroem-se, assim, novas composições corporais para os mortos e essa sofisticada composição passa então pelo enterramento.

A pessoa, nas sociedades ameríndias, é formada por um continuado processo constitutivo. Ela, criança ou adulta, nunca está pronta (SEEGER, DA MATTA e VIVEIROS DE CASTRO, 1979; LIMA, 2005; LAGROU, 2007; VAN VELTHEM, 2003; DESCOLA, 2006; LEA, 2012). Esse processo é radicalmente relacional. Ele se dá pelas relações da pessoa com seus consanguíneos, com seus afins, com seus inimigos, suas presas e predadores. Processos rituais podem produzir inflexões transformativas de primeira relevância na pessoa e, nesses, as relações com consanguíneos e afins têm papel de destaque, sendo o corpo o lugar privilegiado dessas ações transformativas e constituintes da pessoa. O corpo, nos rituais, é pintado, perfurado, recebe adereços que se incorporam a ele provisória ou definitivamente.

Mas não apenas nos processos rituais o corpo se constitui em intensa relacionalidade. Desde a gestação, a pessoa vai sendo formada por recorrentes relações, uma vez que o entendimento ameríndio geral é que o corpo não se forma a partir de uma fecundação (um único ato relacional) e da nutrição ou construção do feto pela mãe, mas sim por uma combinação de substâncias entre a mãe e o pai – em geral, este último contribuindo com a maior parte do material constitutivo do corpo do bebê – por meio de recorrentes relações sexuais entre eles no decorrer da gestação (LIMA, 2005; VILAÇA, 1992; FAUSTO, 2001; VIVEIROS DE CASTRO, DE CAUX e HEURICH, 2017; VAN VELTHEM, 2003). Também os processos cotidianos como a alimentação, com ênfase na comensalidade, são constitutivos das pessoas e estabelecem conexões de substância entre os que juntos se alimentam. As enfermidades e seus processos de cuidado e cura são transversais aos limites das peles, envolvendo, conforme o caso e conforme o contexto etnográfico, os consanguíneos mais próximos e, eventualmente, os afins. O corpo é o lugar por excelência dessa construção radicalmente relacional das pessoas.

A morte é um momento de primeira relevância na construção da pessoa, que deixa a condição de vivente e de membro da comunidade e passa à condição de morto e, portanto, de Outro. A condição de alteridade dos mortos é outro elemento amplamente compartilhado pelas filosofias ameríndias, alteridade essa potencialmente perigosa (VILAÇA, 1992; FAUSTO, 2001; LIMA, 2005; VIVEIROS DE CASTRO, 1986; 2002; DESCOLA, 2006; TEIXEIRA-PINTO, 1997; VAN VELTHEM, 2003; BARCELOS NETO, 2008; LEA, 2012; TEIXEIRA-PINTO, 1997; KOPENAWA e ALBERT, 2015;

NOVAES, 2006; Pesquisadores WAJÃPI, 2018). Os mortos não são ‘membros fundadores’ da comunidade dos vivos e não atuam como elemento estruturante no interior dela. São ativos no mundo, mas têm sua própria perspectiva, sua própria vida social, distinta da dos vivos (e cuidadosamente evitada por eles). Sendo assim, passando à condição de outra gente, não é de se surpreender que o corpo do morto passe também ele por um processo de construção. Morta, a pessoa se divide em suas partes diversas. Quantas e quais são essas partes é um aspecto que varia amplamente entre os ameríndios. Mas tais partes nunca se reduzem simplesmente a um ‘corpo’ e a uma ‘alma’ – um componente material, que com a morte deixa de ser e de conter a pessoa, e um componente de tipo espiritual, que guarda a personitude (única e inequívoca) (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Os corpos ameríndios dividem-se em mais partes, que não se organizam simplesmente num par que opõe corporalidade e espiritualidade. Distintas partes da pessoa morta podem guardar corporalidades, permanentes ou transitórias, que se perpetuam ou que perecem à medida que a condição de morto se confirma e se desenvolve. Essas diferentes partes guardam igualmente personitude e agência, porém em condições distintas, e mantêm-se em relação, efetiva ou potencial, com os vivos, que buscam evitá-las ou interagir com elas, dependendo de que parte se trata e do que se pretende e espera. - as especificidades variam significativamente entre os povos ameríndios (KOPENAWA e ALBERT, 2016; VIVEIROS DE CASTRO, 1986; LEA, 2012; NOVAES, 2006; VILAÇA, 1992; TEIXEIRA-PINTO, 1997).

Se consideramos a relação de alteridade que os ameríndios estabelecem com os mortos, podemos considerar essa construção da estrutura funerária como a construção de um corpo Outro, uma nova forma corporal para parte dos elementos constitutivos da pessoa que, morta, torna-se outra e com a qual as vivas estabelecem relações de outra ordem.

Na medida em que os corpos construídos nas estruturas funerárias envolvem partes de seres vegetais e animais, podemos perceber que essa produção do corpo do morto amplia a relacionalidade e as conexões para além daquelas entre humanos vivos e mortos. Neste ponto, é importante ponderar o quão relevante são as conexões entre seres de caráter metonímico nas filosofias ameríndias (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a; LAGROU, 2007). Assim, os estojos funerários não envolvem “apenas” partes de outros seres, mas sim outros seres que se somam à trama. Muito relevante seria, portanto, saber o que não sabemos: quais couros são esses. Um couro de uma presa dos humanos (como uma capivara, um catitu, um veado) engendraria a morte numa relação de predação da pessoa que morre, uma vez que seu corpo seria composto como presa? Se fossem couros de predadores (como onças), outro seria esse corpo, uma vez que seu lugar nas relações com os humanos e outras gentes do mundo seria outra. Poderemos ainda avançar nessas discussões, quando mais elementos tivermos.

Assim, estamos entendendo a construção das estruturas funerárias de Diamantina, com seus elementos vegetais (cascas de árvore, trançados, resina) e animais (couros e penas) como uma tecnologia de produção de novos corpos, de novas formas de corporalidade que acompanharão uma ou algumas das diferentes partes da pessoa morta (que inclui seus ossos), ativas no processo de criação do morto e no agenciamento das relações entre mortos e vivos – e mais seres.

Perecíveis, essas tecnologias de produção tenderiam à baixa visibilidade arqueológica em função da natureza físico-química de muitos de seus componentes. Na Lapa do Caboclo de Diamantina, não foi assim. Essas tecnologias nos chegaram ainda fortemente presentes, pujantes, perenes. Exercício interpretativo semelhante ao que procuramos construir aqui foi feito por Mariana Cabral (2020) no estudo de poços funerários com cerâmica de estilo Aristé, no litoral norte do Amapá (CABRAL, 2020).

Assim como a autora, estamos interessados em dirigir o olhar para, e buscar entendimentos de relações entre os elementos no contexto arqueológico funerário.

A presença dos elementos que integram as estruturas vegetais resulta das relações estabelecidas entre os diferentes seres. Nessas estruturas há um certo elenco de espécies que recorre – jatobá, milho, mandioca, coco, gramíneas – assim como certo elenco de partes desses vegetais – folhas, espiga, raiz, fruto. A intencionalidade dessa construção é inequívoca, assim como é clara a seletividade dos componentes; nenhum deles está ali casualmente e qualquer um deles poderia ser evitado se as pessoas assim quisessem. As estruturas vegetais não são explicáveis por leituras economicistas, que entendem esses vegetais como meros recursos materiais. Seu conteúdo não permite interpretá-las como “silos”, pois não têm volume coerente com isso, além de incluírem elementos já “consumidos”. Não podem igualmente ser entendidas como lixeiras, pois não têm volume compatível e não contêm somente coisas “consumidas”.

A possibilidade de associação entre a presença das estruturas funerárias e das estruturas vegetais nos parece forte. Estas últimas, não tendo uma função redutível à lógica da gestão de recursos, acionam outros conteúdos e intenções, outras potências. Reforçando a associação entre as duas categorias de estrutura, temos uma recorrência interregional. A mesma co-presença, no mesmo período de ocupação, de sepultamentos e estruturas de vegetais enterradas foi descrita em dois outros sítios de Minas Gerais: na Lapa Pintada de Montes Claros (BUENO, 2013) e na Lapa do Boquete do Peruaçu (RESENDE e CARDOSO, 2009). Há variações, em cada uma dessas áreas, em volume e grau de coesão das estruturas vegetais (maiores e mais coesas no Peruaçu; grandes, porém pouco coesas, na Lapa Pintada; pequenas e pouco coesas, em Diamantina), mas alguns atributos básicos, como o elenco de plantas domesticadas combinadas a plantas silvestres, com presença marcante de palhas, são observados nas três áreas.

Precisamos considerar ainda como parte da tecnologia da construção dos corpos o lugar em que eles são postos. Normalmente, as análises de cadeia operatória se encerram na materialidade construída de forma estrita. Aqui, vamos estendê-la à própria constituição do pacote sedimentar que corresponde à Camada 1.

No caso da Lapa do Caboclo, entendemos que o enterramento em si, escolher o local, cavar, depositar, cobrir e etc., tudo isso envolve o engajamento de muitos elementos (a areia, o que se encontra nela, a rocha, o corpo ou corpos que revolvem a terra, os corpos que são enterrados...), que são partes da dinâmica tecnológica. O sepultamento 2 é um exemplo em que relações importantes se estabeleceram entre os elementos estratigráficos e a estrutura, pois diversos blocos do sítio foram mobilizados para cobri-lo e um bloco de formato e tamanho específicos foi encaixado internamente na extremidade norte do estojo funerário. Além disso, a colocação do estojo implicou a escavação da rocha base, também assim integrada à produção do sepultamento.

O mesmo vale quando pensamos nos elementos vegetais nas fossas dos sepultamentos, que podem ter sido inseridos nelas intencionalmente ou composto a fossa como parte do sedimento de preenchimento, sedimento este que era abundante de vegetais. É provável e nada impossível que alguns depósitos vegetais tenham sido manejados de alguma forma, no momento de compor e preencher as fossas dos sepultamentos. Outras estruturas funerárias também podem ter sido manejadas, se considerarmos a possibilidade de incorporação de outro sepultamento pelo sepultamento IV.

Entendemos que essas ações de produção de estruturas constroem um lugar, um conjunto de elementos múltiplos em que todos esses seres se agrupam; um lugar em que se materializa uma complexa trama de relações. Se assim for, temos uma tecnologia com perecíveis que consubstancia, sublinha e faz uma declaração material sobre as conexões

entre esses seres, humanos e não humanos, o que inclui os vegetais, animais, os mortos, o próprio sedimento e as rochas da lapa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os corpos envolvido nesta pesquisa. Nos construímos coletivamente assim como os dados e interpretações que aqui constam. À toda equipe do Setor de Arqueologia que esteve conosco em campo e em laboratório e com quem dividimos a beleza do Espinhaço, suas gentes e seus seres. São muitos os nomes que aqui deveriam aparecer explicitamente. Aos pesquisadores de outras instituições que tanto contribuiu com parte fundamental dos dados trabalhados. Àqueles que tiveram seus corpos transformados e àqueles que transformam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS NETO, Aristóteles. *Apapaatai. Ritual de máscaras no Alto Xingu*. São Paulo, Edusp, 2008.
- BUENO, Lucas; Tecnologia e Território no Centro-Norte mineiro: um estudo de caso na região de Montes Claros, MG, Brasil. *Revista Espinhaço*, 2 (2), p. 168-186. 2013.
- CABRAL, Mariana. Sobre urnas, lugares, seres e pessoas: materialidade e substâncias na constituição de um poço funerário Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v., 15, n. 3, p.1-20, 2020.
- COUPAYE, Ludovic. Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico. In: SAUTCHUK, Carlos Emanuel (org). *Técnica e transformação: Perspectivas Antropológicas*. Rio de Janeiro, ABA Publicações, 2017, p. 475-495.
- DESCOLA, Phillipe. *As Lanças do Crepúsculo*. São Paulo, Cosac & Naify, 2006.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos Fiéis. História, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo, Edusp, 2001.
- INIZAN, Marie-Louise; REDURON-BELLINGER, Michèle; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques. Tecnologia da Pedra Lascada. Belo Horizonte: *Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG*, 2017.
- ISNARDIS, Andrei. Pedras na Areia. As indústrias líticas e o contexto horticultor do Holoceno Superior na região de Diamantina, Minas Gerais. *Revista Espinhaço*, vol 1, nº 2. p. 54-67, 2013.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- LAGROU, Els. *A Fluidez da Forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2007.
- LEA, Vanessa. *Riquezas Intangíveis de Pessoas Partíveis. Os Mbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central*. São Paulo: EdUSP, 2012.
- LEMONNIER, Pierre. Elements for an Anthropology of Technology. *Anthropological Papers*. Museum of Anthropology, No. 88. Ann Arbor, University of Michigan, 1992.
- LEROI-GOURHAN, André. *Evolução e técnicas I – o homem e a matéria*. Lisboa: Edições 70. 1984a.
- LIMA, Tânia Stolze. *Um peixe olhou pra mim. O povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo, Ed UNESP/ISA/NUTI, 2005.

- LINKE, Vanessa. Por uma discussão das cerâmicas em abrigo da região de Diamantina, Minas Gerais. *Fundamentos*, v. xv, p. 69-91, 2018.
- LINKE, Vanessa; ALCANTARA, Henrique; ISNARDIS, Andrei; TOBIAS JUNIOR, Rogério; BALDONI, Raíssa. Do fazer a arte rupestre. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 15, n. 1, e20190017, 2020.
- MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia & Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003 [1935], p. 401-422.
- MENDONÇA DE SOUZA, Sheila et al. O Sepultamento IV do sítio arqueológico Lapa do Boquete, MG: patologias ósseas, parasitose e doença de Chagas. *Arquivos do MNHJB*. V. 19, p. 209-230, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Funerais entre os Bororo. Imagens de refiguração do mundo. *Revista de Antropologia*. p. 283-315, São Paulo, USP, 2006
- PELEGRIN, Jacques. A Tecnologia lítica à francesa. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 221–243, 2020. DOI: 10.24885/sab.v33i1.687.
- PESQUISADORES WAJÃPI. *I'Ã. Para nós não existe só "imagem"*. Macapá: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena – Iepé / Conselho das Aldeias Wajãpi, Apina, 2018.
- PROUS, André. Apuntes para análisis de industrias líticas. *Ortegalia*, N. 2. Ortigueira, fundación Federico Maciñeira, 2004.
- PROUS, André; FOGAÇA, Emílio. *O Estudo dos Instrumentos de Pedra. Fabricação, Utilização e Transformação dos Artefatos*. Teresina, Alínea Publicações Editora, 2017.
- PROUS, André; SCHLOBACH, Mônica. Sepultamentos Pré-Históricos do Vale do Peruaçu – MG. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. N. 7, p. 3-21 1997.
- RODET, Maria Jacqueline. *Etude Technologique des Industries lithiques taillée du bord fe Minas Gerais, Brésil*. Thèse de doctorat. Nanterre: Université de Paris X, 2007.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Técnica e/em/como transformação In: SAUTCHUK, Carlos Emanuel (org). *Técnica e transformação: Perspectivas Antropológicas*. Rio de Janeiro, ABA Publicações, 2017, p.11-36.
- SHOCK, Myrtle. *Holocene hunter-gatherer plant use and foraging choice: a test from Minas Gerais, Brazil*. PhD Dissertation. Santa Barbara, University of California, 2010.
- SEEGER, Anthony. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional. Antropologia*. Nº. 31, p. 2-19, 1979.
- SOLARI, Ana; ISNARDIS, Andrei; LINKE, Vanessa. Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da lapa do caboclo (Diamantina, Minas Gerais). *Habitus*, v. 10, n. 1, p. 115-134 2012.
- TEIXEIRA-PINTO, Márnio. *Iepari. Sacrificio e vida social entre os índios Arara (Caribe)*. São Paulo, Hucitec, ANPOCS, 1997.

VAN VELTHEM, Lucia. *O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa, Assirio & Alvin, 2003.

VILAÇA, Aparecida. *Comendo como Gente: Formas do Canibalismo Wari'*. Rio de Janeiro, ANPOCS/EdUFRJ, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté. Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, ANPOCS, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DE CAUX, Camila; HEURICH, Guilherme. *Araweté. Um povo tupi da Amazônia*. São Paulo, Editora SESC, 2017.